

BATISTA

"Nós somos a lei", diz o general Batista, horas depois de derrubar mais um presidente com um golpe militar. O general vai fazer 20 anos de golpismo: começou (sargento) em 1933; e aos 51 anos de idade já botou ou tirou sete presidentes. Uma carreira que faz o nosso prezado general Gois Monteiro parecer, ao seu lado, um simples ansepeçada, e o sr. Vargas um velho burocrata sem imaginação. Exílio, ditadura, governo constitucional, tudo ele já provou.

Mas, apesar de tudo, sua frase é um tanto ambiciosa. Não, o general não é a lei. É basta ler suas primeiras declarações e disposições para ver que, no fundo, o general é um pobre homem monótono que, já tendo governado tantas vezes, sofre, antes de tudo, de falta de assunto. Respeitar todas as obrigações internacionais; defender a propriedade, manter a ordem, convocar, mais tarde, novas eleições... Ele não traz nenhuma idéia, nenhum desejo, nenhum sonho. Sobe ao poder como quem monta em um velho cavalo conhecido, para seguir os caminhos de sempre, sem nenhum gosto pela aventura nem pelo imprevisto. O sargento de 1933 ia reformar Cuba e o mundo, distribuir a felicidade nas avenidas e nos canais, construir uma vida mais justa e mais bela, acabar com séculos de erros e mediocridades; o general de 1952 pensa, antes de tudo, em defender a ordem, em manter quietinhos os operários e os estudantes, e sossegadas as famílias. É possível que o general faça melhor governo que o sargento; mas nem sequer tentará fazer algo de grande ou de imprevisto. Suas desculpas para o golpe são lamentáveis lugares-comuns de todos os golpes: o adversário ia dar o golpe, por isso ele deu na frente; o governo estava cheio de maus patriotas; o povo não estava satisfeito; o Exército insistiu para que ele tirasse o país do caos...

E Batista tira o país do caos — isto é, da normalidade — prometendo, dentro de algum tempo, normalizar tudo novamente, como já fez várias vezes. O que ele não pode mais é dar ao seu povo o "frisson" sagrado das revoluções, essa mistura de esperanças desmedidas e terrores negros, essa sensação de começar uma vida nova. Nem ele mesmo sente aquele encantamento de quem pela primeira vez dá o golpe e sobe ao poder; o temor de errar e ao mesmo a impressão de que pode fazer tudo o que quiser, e fará grandes coisas.

Não; ele chama outra vez seus comparsas de sempre, recomeça burocraticamente a tomar as providências sabidas e a pronunciar as frases rituais. Um correspondente político honesto e lacônico poderia resumir todo o noticiário de seu golpe assim: "Nada de novo em Cuba".

12/3/52

R. B.